

Memória ENAMB 2011



TRANSFORMANDO O MUNDO PELO FEMINISMO

II Encontro Nacional da
Articulação de Mulheres Brasileiras

Brasília - DF 30 e 31 de março, 01 e 02 de abril de 2011

Encontro Nacional da Articulação de Mulheres Brasileiras - ENAMB 2011

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Nacional: Guacira C. Oliveira, Maria das Graças Costa, Nelita Frank, Maria Gavião, Rogéria Peixinho, Sílvia Camurça e Schuma Schumacher

Secretaria Executiva: Analba Brazão, Elizabeth Ferreira, Maria Lúcia Lopes de Oliveira e Rogéria Peixinho (interina)

COMISSÃO DE METODOLOGIA

Analba Brazão, Carmen Silva, Cristiane Faustino, Elizabeth Ferreira, Jolúzia Batista, Luciana Cândido Barbosa, Maria Lúcia Lopes de Oliveira, Schuma Schumacher e Sílvia Camurça

COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA

Analba Brazão, Angélica Mendes, Karen Lúcia, Lan Matos e Leila Regina Lopes Rebouças

COMISSÃO DE FINANÇAS

Analba Brazão, Elizabeth Ferreira, Guacira C. Oliveira, Maria Lúcia Lopes de Oliveira, Sílvia Camurça e Schuma Schumacher

COLETIVO DE COMUNICAÇÃO

Aline Baima, Cláudia Gazola, Cristina Lima Daiany Dantas, Eunice Borges, Iayna Rabay, Gina Albuquerque, Priscilla Caroline de Sousa Brito e Gê

Memória ENAMB 2011

Redação Final: Carmen Silva, Cristiane Faustino, Rivane Arantes, Sílvia Camurça e Analba Brazão

Revisão: Aline Baima, Luciana Cândido Barbosa e Maria Lúcia Lopes de Oliveira

Fotografias: Cláudia Gazola, Gê e Priscilla Caroline Brito

Edição: Cristina Lima (DRT/RJ 31519/99) - Cunha

Editoração Eletrônica: Cristina Lima, com base em projeto gráfico de *Ars Ventura Imagem e Comunicação*

Impressão: Engigraf

Tiragem: 1.000 exemplares

Corpos, cores e coros anunciam
tambores e reinventam o mundo...

Pelo feminismo
Assim elas deram as caras
Deram as costas
Deram as pontas e
Deram os meios
Ocuparam a multidão
Ora perplexa
Por vezes, sorridente
Pero, atenta
Foi assim na rodoviária
Como se fôssemos
todas Cristinas

Nos entrementes dos discursos
Da denúncia na voz organizada
Entre uma mesa e outra
Entre um tema e outro
Entre uma e outra dispersão
Pela ansiedade do encontro
E suas possibilidades
Pela rebeldia de lá estar
Momentos havia
Em que éramos
todas Domingas...
E Domingas éramos todas nós

No vai e vem
das cores e gestos
Entre faixas e cartazes
Microfones e adornos
Cabelos, frases e tiaras
Reuniões e anotações
O dia ameaçava enfado
Mas eis que chega a noite
A das mulheres livres
A carne pra muito além de si
Agora somos todas Liliiths

Os corpos livres
Anunciavam liberdade
Neles,
Mulheres libertas
Ritmos, tambores
E cantos
A ciranda se fez feminista
Éramos uma
Éramos muitas
Éramos todas

Cristiane Faustino

A expressão do nosso feminismo

De longe se vê as cores agitadas descendo e subindo as escadarias da rodoviária de Brasília. Nas portas dos quiosques, pessoas param para ver a multidão que fervilha. Umhas são jovens, outras nem tanto, algumas brancas, a maioria negras, umas amazônicas, outras nordestinas, mas tem mulheres que chegaram de todos os lugares do Brasil. Elas cantam, gritam, batem tambores, apitam. A ideia é exatamente esta: chamar atenção para as mulheres, suas lutas por direitos, sua diversidade, seus modos de vida, seus amores e suas dores. Desta forma a AMB marcou o início do encontro, como uma ação de rua nacional, na capital da República, expressando todas as nossas lutas, de forma contundente e alegre, como são em geral as nossas mobilizações realizadas pelos agrupamentos em cada estado.

A AMB tem um modo de se organizar e atuar que prima pela autonomia e liberdade das mulheres que dela participam, e também dos grupos e fóruns. As nossas lutas são organizadas nacionalmente, mas cada agrupamento



Foto: Gê

estadual decide, de acordo com a análise que faz do seu contexto, qual luta prioriza, de quais ações participa, e como encaminha as coisas no seu local de atuação. Buscando coerência com este jeito de ser, as nossas mobilizações não poderiam ser padronizadas. A expressão do nosso feminismo, nas manifestações públicas, busca ser diversificada, colorida e criativa. Atuamos com foco na ideia de que nós mulheres vivemos em comum uma situação de dominação e exploração, mas que entre nós existem diferenças

e desigualdades. Por isso, nossa expressão pública exige de nós distintas formas de manifestação. Isso foi muito estimulado no ENAMB, a começar pela oficina de adereços e palavras de ordem que preparou a manifestação na rodoviária de Brasília no primeiro dia do Encontro.

Na noite de abertura, com a apresentação dos agrupamentos de mulheres vindos de todos os estados, tivemos outro momento de viver a força criativa do nosso movimento. Nossas lutas ficaram visíveis a partir das ênfases dadas por cada fórum estadual na hora de apresentar criativamente o movimento em seu estado. Apesar do cansaço, a fruição da beleza calou mais forte em nossos corações. Foi bom ver a força das mulheres vindas de diferentes contextos, do campo e das cidades, das florestas e do litoral, trazendo para a roda as suas bandeiras, os seus chapéus, as suas músicas e danças. Todas mostraram como está se construindo este feminismo democrático e popular que marca a nossa experiência na AMB.

Durante os dois dias que se seguiram, os debates em plenário foram entremeados por nossas expressões artísticas: poesias, performances, cartazes, músicas, danças, batucadas...ou tudo ao mesmo tempo. O pessoal da comunicação do ENAMB soube

captar estes momentos e nos brindou com as imagens que abriram a nossa festa: mulheres pensativas, dançantes, calorentas, lendo, debatendo, cochilando... mulheres participando! Construindo o nosso feminismo no aqui e agora de nossas possibilidades reais, como o nosso jeito de estar no mundo e de fazer o impossível para mudar o mundo.

A estética da AMB é orientada pela ética que rege o nosso projeto político. Não é possível para nós nos expressarmos de forma a contradizer o nosso anseio de liberdade. A nossa perspectiva de autonomia exige criatividade. Queremos criar um mundo novo a partir de um novo modo de fazer movimento, que ajude a gente, a cada uma de nós a nos recriarmos a cada dia, deixando de lado esta imposição de ser o que os outros querem que a gente seja. Sendo nós mesmas, com todas as contradições e dúvidas que tenhamos que carregar, mas sem ninguém a decidir nosso caminho.

Costumamos conversar nos atos públicos que fazemos algumas de nós, e nos pomos a divagar sobre o que é isso que nos move para a transgressão, para não aceitar o estabelecido, para procurar sempre um pouco mais, para querermos sempre gerar movimentações que digam além do que está dito. É esta estética

feminista que nos permite fazer movimento e, ao mesmo tempo, fluir o movimento, gostar de estar junto, de denunciar o que sofremos, de expressar nossas ideias, de rir de nossos próprios erros, mas, especialmente, nunca parar de lutar.

‘Mulheres Livres’ – Com esta festa celebramos o nosso encontro, fortalecemos os nossos laços, aproximamos as nossas lutas. Somos negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras, jovens, feministas há muito tempo e recém-chegadas, somos mulheres construindo os nossos sonhos, cantando e dançando as nossas lutas, liberando nossos corpos com movimentos firmes, contínuos e

circulares. Somos mulheres construindo um mundo onde possamos viver em liberdade!

Em roda, encerramos o nosso encontro, com a ciranda de um feminismo encarnado, com os tambores na batida de nossa pulsação contra a ordem do patriarcado e sua heteronormatividade; contra a forma do capitalismo, seus mecanismos de exploração e seu consumo desenfreado; contra a dominação racista que nega a nossa existência como pessoas e como cidadãs. Na ciranda vivemos juntas a certeza de que o Encontro Nacional da Articulação de Mulheres Brasileiras 2011 foi um espaço de fortalecimento para nossa luta pela transformação.



Enamb 2011 Carta de Princípios

1 O Encontro Nacional da AMB é um fórum amplo de debate, voltado para a formulação de análises críticas feministas sobre a realidade social, para a livre troca de experiências, o confronto de ideias sobre as questões que desafiam o feminismo no Brasil e América Latina, e para a formulação de proposições orientadoras da ação da AMB.

2 O espaço do Encontro Nacional da AMB pretende aglutinar, em sua construção e realização, todas as mulheres feministas que tenham identidade política com a AMB, independente dos espaços de sua atuação política: feministas com militância cotidiana nos fóruns, articulações, rede e núcleo que constituem a AMB, feministas identificadas com a AMB que atuam em movimentos sociais e partidos, feministas identificadas com a AMB que estão em órgãos governamentais, centros e núcleos de pesquisa acadêmicos, e todas as feministas colaboradoras, simpatizantes e parceiras da AMB nos âmbitos internacional, nacional e estaduais.

3 Essas mulheres feministas, citadas no princípio anterior, participarão do

Encontro em nome próprio, inscritas de forma individual, ou representando organizações e movimentos sociais nos quais atuam.

4 O Encontro Nacional da AMB reúne participantes que estão na luta feminista em defesa da cidadania para as mulheres, do direito das mulheres ao aborto e à maternidade, à liberdade sexual, à independência econômica, em defesa da autonomia das mulheres sobre suas vidas e da autodeterminação de seus movimentos.

5 O Encontro Nacional é um espaço permanente de participação da militância feminista na AMB, construído pelos fóruns, articulações, rede e núcleo que a constituem, sob a orientação da Coordenação Executiva Nacional da AMB e das comissões auxiliares a ela vinculadas.

6 As participantes do Encontro não serão chamadas a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Encontro. O Encontro Nacional da AMB não tem caráter deliberativo, pois o espaço de decisão da

AMB continua sendo o Comitê Político Nacional.

7 Por seus fins, o Encontro Nacional da AMB acolhe as mulheres feministas que, ao fazerem a luta antipatriarcal, lutam também contra a heteronormatividade, o racismo e o fundamentalismo, opõem-se ao neoliberalismo e ao domínio de todas as esferas da vida pelo Capital, e que estão empenhadas na transformação do mundo pelo feminismo, tendo como horizonte utópico uma sociedade democrática e igualitária.

8 As proposições colocadas no Encontro Nacional da AMB visam fazer prevalecer os ideais de igualdade, dos direitos humanos, da justiça ambiental, de uma economia solidária e sustentável, apoiados em sistemas políticos, movimentos sociais e instituições democráticas. Essas proposições serão consideradas na construção das estratégias de ação futura da AMB.

9 Os debates feministas dos Encontros Nacionais da AMB deverão analisar as problemáticas vividas pelas mulheres em diferentes contextos; aprofundar a reflexão feminista sobre temas e questões

emergentes na arena política, enfrentar o debate da construção permanente de nosso movimento, nossa práxis feminista e questões político-organizativas na AMB.

10 O Encontro Nacional da AMB é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário.

11 A metodologia de construção e realização do Encontro Nacional orienta-se pelo respeito à diversidade das práticas e expressões políticas do feminismo da AMB, o respeito à necessária articulação entre os saberes populares e acadêmicos presentes entre as mulheres, e também pelo compromisso com a reflexão crítica feminista e a construção coletiva de conhecimento.

12 O Encontro Nacional da Articulação de Mulheres Brasileiras está comprometido com o aprofundamento de laços entre mulheres feministas de distintos movimentos sociais, necessário ao fortalecimento do movimento de mulheres como força política transformadora.

Comitê Político Nacional da AMB, 2010.



Foto: Gê

Este documento é um registro-síntese dos trabalhos no Encontro Nacional da AMB – ENAMB 2011. A nossa intenção é que rapidamente ele chegue às mãos de todas as participantes do ENAMB e também em todas as militantes da AMB e agrupamentos estaduais que não tiveram a possibilidade de estar em Brasília, no Centro Comunitário da UnB, de 30 de março a 02 de abril.

Apresentamos a metodologia e a programação do encontro; a síntese das discussões sobre a linha de atuação da AMB frente à nova conjuntura; e o balanço de suas lutas antipatriarcais, anticapitalistas e antirracistas. Este é o resultado geral do encontro, mas este documento procura também dar visibilidade a outros elementos que possibilitaram a sua realização: a experiência de

mobilização de recursos; as ações de comunicação; e a nossa reflexão sobre as expressões político-artísticas. Para fazer um documento simples e curto, optamos por não apresentar os relatórios dos 36 grupos de trabalho que funcionaram nos 3 dias de debates, resgatando as ideias centrais ali discutidas na síntese de cada dia de trabalho.

O ENAMB 2011 é um marco na história da construção da AMB. Desde o processo preparatório, ele já indicava a sua tônica: fortalecer o nosso movimento na sua ação política feminista frente ao Estado e à sociedade. Nessa nova conjuntura que se abre com o fim do governo Lula e o advento de uma mulher na Presidência da República, com história própria de atuação política no campo da esquerda, o nosso desafio

se torna ainda maior.

Precisamos manter a nossa autonomia, defender as políticas públicas que enfrentem as desigualdades, combater a política econômica desenvolvimentista, que aprofunda a crise socioambiental e, ao mesmo tempo, reconhecer o valor simbólico da ocupação da presidência por uma mulher com projeto político do campo democrático e popular. Como movimento feminista, reconhecemos a importância desse momento histórico e queremos fazer dele um espaço de oportunidades para que a questão da dominação e exploração das mulheres seja tomada como um problema público a ser enfrentado pelo governo e pela sociedade.

Somos um movimento nacional organizado na maioria dos estados com agrupamentos estaduais, que reúnem diversos tipos de organizações de mulheres: grupos populares, núcleos acadêmicos, secretarias de sindicatos e federações, organizações político-profissionais, ONGs etc., e

ainda muitas outras mulheres que não se encontram nestes tipos de organização. Somos jovens e idosas; negras e não negras; da capital e do interior; trabalhadoras sempre e, às vezes, desempregadas; hétero, lésbicas e algumas sem necessidade de definições sexuais; com muito tempo neste movimento ou recém-chegadas.

Somos todas mulheres feministas, enfrentando no cotidiano a violência, a exploração do nosso trabalho e a dominação dos nossos corpos, resistindo sempre, construindo outros modos de vida, compartilhando com outras nossos desejos e reflexões, articulando coletivamente nossas lutas, chorando nossas derrotas, comemorando nossas conquistas. Seguimos em frente, rejeitando toda norma que impeça nossa liberdade e todo poder que nos oprima. Seguimos juntas, construindo no dia a dia as nossas lutas, mostrando nas ruas nossa cara, exigindo nossos direitos, perseguindo nossos sonhos.

1. Metodologia

O Encontro Nacional da AMB, realizado de 30 de março a 02 de abril de 2011, começou a ser construído no início de 2010. Desde então, os agrupamentos estaduais vêm realizando várias atividades: atos de lançamento, arrecadação de fundos e debates políticos preparatórios, envolvendo muitas mulheres que estão no dia a dia do movimento. Esses debates ocorreram em torno de quatro eixos temáticos mobilizadores: *O jeito que o mundo está e o que queremos transformar*; *Olhares feministas sobre a situação das mulheres*; *Juntando gente para mudar o mundo*; e *Nossas lutas feministas*.

Com base nas reflexões do período preparatório, que durou alguns meses, a Comissão de Metodologia do encontro, em diálogo com a Coordenação Nacional, elaborou uma proposta de temas, debatida no Comitê Político Nacional, que aprovou os temas do ENAMB 2011. Em cada dia, trabalhamos com um dos temas:

1. Expressões do feminismo da AMB;
2. Atuação da AMB frente ao novo governo no contexto de crise global;
3. Trinta anos de feminismo transformando o mundo;
4. Questões político-organizativas.

No primeiro dia, expressamos o nosso jeito de ser e fazer movimento feminista em atos de rua, na abertura pública do ENAMB 2011. As delegações vindas de todos os estados foram chegando, deixando suas coisas no alojamento, passando pelo credenciamento e se dirigindo a um dos principais centros de aglomeração do povo de Brasília. Lá na rodoviária, vestidas com nossas lutas, carregando nossas bandeiras e tambores, gritamos nossas palavras de “desordem” e várias outras músicas que animam o movimento. Dançamos muitas vezes o ‘toré feminista’, denunciando a opressão e exploração das mulheres; expressamos a nossa indignação e nosso desejo de construir outro modo de viver a vida, que rejeite toda forma de dominação e exploração.

No clube do alojamento, depois do jantar, fizemos a abertura íntima do Encontro. Animadas pela saudação da Coordenação da AMB, destacando o sentido político do Encontro, cada agrupamento estadual se apresentou trazendo à tona diferentes formas de manifestação presentes na cultura do nosso movimento em cada estado e manifestando as lutas que são prioridades em cada local.

Tivemos samba do Rio de Janeiro mostrando a força das

mulheres na superação do desastre socioambiental causado pelas enchentes; a dança da farinhada do Pará, enaltecendo a organização do movimento em cada região e as lutas de enfrentamento dos grandes projetos econômicos que estão se instalando no estado em nome do desenvolvimento. O Ceará com seus tambores trouxe para a roda as marchinhas feministas e o 'Funk da solução' em nome da liberdade sexual e da autonomia das mulheres.

No dia 31 de março, começamos com 12 grupos de debates sobre a atuação da AMB frente ao novo governo, no contexto de crise global. Discutimos o contexto e indicativos para a linha de atuação da AMB, considerando a relevância de termos uma mulher de esquerda como presidenta, com a diretriz central do novo governo, que é o combate à pobreza, mas também com uma política desenvolvimentista que agrava a crise ambiental e social. Os debates seguiram à tarde, na forma de plenárias sucessivas para cada subtema, com uma mesa montada com as expositoras dos grupos e debatedoras convidadas entre as participantes do encontro, ao que se seguiu, em cada plenária, com dez inscrições de participantes discutindo o mesmo tema.

Na tarde desse primeiro dia, foi feito o Lançamento da Marcha das Margaridas, com a participação de Carmen Foro, Secretária de Mulheres



Programação

30 DE MARÇO DE 2011

Expressões do Feminismo da AMB

Com este tema orientador, foi realizado o ato político, a ação de rua que marcou o início do ENAMB 2011, na Rodoviária de Brasília.

31 DE MARÇO DE 2011

Atuação da AMB frente ao novo governo, no contexto de crise global

Doze grupos de trabalho debateram a partir das questões orientadoras:

1. Uma mulher, com trajetória de esquerda, na presidência – como entendemos e como vamos atuar.
2. Combate à pobreza como prioridade de governo – como entendemos e como vamos atuar.
3. Política de desenvolvimento que agrava a crise social e ambiental – Como entendemos e como vamos atuar.

Os debates se encerraram à tarde, na forma de plenárias, com a contribuição de expositoras dos grupos e debatedoras.



01 DE ABRIL DE 2011

30 anos de feminismo transformando o mundo

Novamente em doze grupos de trabalho, as participantes fizeram pela manhã um balanço de nossas lutas, um diálogo sobre os desafios que precisamos enfrentar, considerando as dimensões do feminismo da AMB: antirracista, anticapitalista e antipatriarcal. À tarde: plenárias, com a contribuição de expositoras dos grupos e debatedoras.

02 DE ABRIL DE 2011

Questões político-organizativas da AMB

Trabalhos em grupos, ao início da manhã, tratando de doze questões político-organizativas relevantes para a nossa agenda. Os resultados formaram o Painel de Propostas, um conjunto de indicativos a serem considerados no planejamento da ação da AMB, cuja apresentação para a plenária finalizou o encontro.

Trabalhadoras Rurais da CONTAG. Neste ano, a AMB é um dos movimentos parceiros na realização da Marcha das Margaridas, que tem como lema *2011 razões para marchar por um desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade.*

Carmen Foro destacou a alegria de ter a AMB como uma das parceiras na realização da Marcha de 2011, as afinidades entre o debate realizado naquela tarde e as lutas apontadas, como a luta por reforma agrária e por um modelo de desenvolvimento que garanta a igualdade e justiça e pela autonomia das mulheres, convidando todas as militantes da AMB para se somarem ao processo de mobilização dos estados. Reforçou, ainda, o grande objetivo dessa Marcha, que é mostrar a força dos movimentos de mulheres na capital do país!

Para a noite, várias mulheres inscreveram atividades autogestionadas. Foram oficinas e debates, promovidos de forma autônoma, sobre aspectos do nosso feminismo, que despertaram grande interesse nas participantes, a exemplo da reunião de mulheres negras e de mulheres de bairros, oficinas de vivência da corporeidade, reflexões sobre a incidência no orçamento público, entre outras.

No dia 01 de abril, com a mesma metodologia, discutimos sobre os 30 anos de feminismo transformando o mundo. Pela manhã, fizemos

um balanço de nossas lutas e um diálogo sobre os desafios que precisamos enfrentar, considerando as dimensões do feminismo da AMB. À tarde, novamente em plenárias sucessivas, aprofundamos os desafios para as nossas lutas antipatriarcais, antirracistas, e anticapitalistas. Assim como no dia anterior, incorporamos no transcender dos debates da tarde, entre uma plenária e outra, manifestações político-artísticas inscritas por participantes do Encontro.

Na noite deste mesmo dia, estivemos todas em festa. A festa do ENAMB - Mulheres Livres - foi um espaço de expressão política e artística de nossos desejos, de comemoração da nossa capacidade de nos encontrarmos e debatermos os rumos de nosso movimento de forma intensa, de alimentarmos nossa coragem para as lutas que temos pela frente.

No dia 02 de abril, em grupos de trabalho, elaboramos propostas sobre as questões político-organizativas da AMB, refletindo sobre os desafios que temos que enfrentar nas frentes de luta. Os resultados formaram o Painel de Propostas, ou seja, um conjunto de indicativos a serem considerados no planejamento da ação da AMB, o que será feito na reunião do Comitê Político Nacional. A apresentação do painel de proposta deu início ao momento festivo de encerramento do ENAMB 2011.

No encerramento, a Secretaria da AMB chamou para o palco as comissões de trabalho (comunicação, metodologia e infraestrutura) e o Fórum de Mulheres do DF, que abraçou o desafio de organização local do encontro. Era hora de fazer nossos agradecimentos, homenagens e de festejar a realização do ENAMB. A coordenação da AMB, emocionada, homenageou e agradeceu o empenho da secretaria executiva na condução da preparação e realização do encontro. Encerramos ao som dos 'tambores de safo', com uma enorme ciranda, em círculos concêntricos, mostrando como somos fortes quando estamos juntas, entoando nossas canções e fazendo vibrar nossos corpos em liberdade.

A metodologia desenvolvida no ENAMB 2011 é semelhante à do ENAMB 2006, guardadas as diferenças em função dos temas da pauta do encontro e do amadurecimento do processo preparatório. Para nós, é uma maneira de fazer o encontro nacional baseado nos mesmos princípios com os quais construímos a AMB no cotidiano da ação dos agrupamentos estaduais. A AMB é um movimento feminista que se organiza e atua de forma democrática e popular, enraizado nas diversas lutas das mulheres por autonomia e liberdade, permeado por diversas expressões políticas de sujeitos que enfrentam desigualdades no mundo e também



Foto: Gê

entre as mulheres. Somos um movimento feito de diversos sujeitos e um só objetivo: a autonomia das mulheres. Não queremos muito, apenas transformar o mundo e por fim à exploração e à opressão.

Esse modo de fazer feminismo da AMB nos exige sempre metodologias criativas, que dialoguem com nossa diversidade e sejam capazes de trazer à tona diferentes saberes e distintas formas de expressão de nossas posições políticas. Além da intensa participação nos grupos de debate pela manhã, foi muito emocionante ver 48 mulheres usando o microfone em cada uma das tardes de plenárias discutindo os

rumos da AMB, sua linha de atuação e suas lutas prioritárias. Intercalar as plenárias de debates com expressões artísticas apresentadas pelas participantes, recheando as tardes de poesias, músicas, performances, lançamentos de cartazes, livros, entre outras coisas, nos permitiu conhecer muito mais quem somos, o que pensamos e o que sentimos. Essa metodologia nos possibilitou construir coletivamente uma linha comum de atuação e nos fez aprofundar a sensibilidade para as nossas diferenças, para as realidades locais e para os nossos diferentes jeitos de ser e fazer movimento feminista.

2. Linha de atuação da AMB frente à nova conjuntura



Foto: Gê

O primeiro dia de debates do ENAMB 2011 foi dedicado a uma análise da conjuntura e aos desafios para a atuação da AMB frente ao novo governo, no contexto de crise global. O debate foi feito a partir de três eixos: uma mulher, com trajetória de esquerda, na Presidência da República e os desafios para nossa atuação como movimento; a prioridade do combate à pobreza nesse governo e a política desenvolvimentista que agrava a crise social e ambiental. Um dia animado pela força do encontro entre nós mulheres da AMB. Para

todas nós, ficava ali vivo, dentro da gente, o sentido da frase estampada no estandarte paraense à frente da plenária: “As mulheres são como as águas, crescem quando se juntam”.

Uma mulher na Presidência da República e desafios para a atuação da AMB

A eleição de uma mulher para presidenta, com trajetória de esquerda, impõe um desafio para nós da AMB, um movimento de mulheres. Que análise fazemos disto? Como devemos atuar?

Para as militantes da AMB, a eleição de Dilma tem muitos significados e instaura muitas contradições. Uma mulher na Presidência faz toda diferença para a luta das mulheres. Não significa, de maneira nenhuma, que nossas demandas estão garantidas. Mas instaura uma contradição que o governo Lula não trazia. Precisamos fortalecer essa contradição e exigir do seu governo posição e fortalecimento das políticas que favoreçam a autonomia de nós mulheres. A eleição de Dilma representa uma ruptura importante com a visão tradicional das mulheres rebaixadas nos espaços de poder, imposta pela estrutura e ideologia patriarcal e com a própria visão tradicional de poder. Dilma é uma mulher com trajetória de esquerda, que lutou contra o autoritarismo, que tem uma história política própria. Não chegou ao poder por herança familiar. A novidade de sua chegada à Presidência é por contradição uma denúncia das dificuldades das mulheres ocuparem os espaços de poder. Há uma ruptura simbólica, mas as estruturas que mantêm as mulheres com menor participação na política permanecem. Para mudar essa realidade, a luta pela reforma do sistema político é prioritária para a AMB.

A orientação das políticas do governo também é marcada por contradições: a prioridade de

políticas sociais para o enfrentamento à pobreza e manutenção de política econômica que agrava a concentração de riqueza; o desenvolvimentismo que gera mais injustiça social e ambiental. É sobre essas contradições que devemos atuar e construir nossas lutas, atuando com autonomia e crítica frente ao governo Dilma. Nosso posicionamento não deve ser a favor ou contra: seremos a favor, quando as demandas das mulheres forem atendidas, e contra, quando as políticas gerarem mais injustiça social.

Precisamos compreender a força da AMB como movimento, sua força política hoje no País. Há que enfrentar também o desafio de que as diferentes visões sobre governo no nosso movimento nos enriqueçam, gerem debate plural e não nos dividam. Precisamos fortalecer nosso investimento na frente de luta pela reforma do sistema político, pela participação das mulheres, pela paridade; atuar na defesa de políticas para as mulheres que sejam estruturantes e gerem autonomia e, ao mesmo tempo, fazer a crítica dos limites das políticas familistas de transferência de renda e das políticas de orientação materno-infantil anunciadas pelo governo, como a Rede Cegonha, descolada da perspectiva da saúde da mulher e do fortalecimento do SUS; fortalecer a luta pela legalização do

aborto e pelo estado laico; visibilizar a multiplicidade das mulheres brasileiras: negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo e da cidade; fortalecer a relação entre mulheres do campo e da cidade.

Diretriz de enfrentamento à pobreza

Para as militantes da AMB, a política de enfrentamento à pobreza não pode ser limitada ao combate à pobreza dos pobres sem questionar a riqueza que continua sendo acumulada e concentrada nas mãos de poucos. Não podemos ficar limitadas ao debate sobre as políticas sociais e transferência de renda, mas fazer a crítica e o confronto com a política econômica que favorece a concentração da riqueza no País. É preciso enfrentar todos os processos que levam à concentração da riqueza e à manutenção da desigualdade e seguir confrontando a lógica de acumulação e exploração capitalista, patriarcal e racista: a política econômica que solapa dia a dia os recursos das políticas sociais e a política de altos juros que favorece os banqueiros; o modelo hegemônico de desenvolvimento que agrava os problemas sociais e a crise ambiental; a política tributária que onera mais os segmentos mais pauperizados em benefícios dos mais ricos, tira dos pobres para os ricos.

A crítica à perspectiva familista

das políticas de transferência de renda (Bolsa-Família) foi reafirmada em todos os grupos e por todas as intervenções na plenária. Precisamos fortalecer essa crítica e ampliar o debate sobre o enfrentamento da pobreza para além dessas políticas, questionando a política econômica. Nossa crítica feminista sobre as políticas de transferência enfatiza sua orientação familista que sobrecarrega ainda mais a nós mulheres e reforça a divisão sexual do trabalho que nos oprime. Não queremos políticas de enfrentamento à pobreza que aumentem a sobrecarga e a subordinação de nós mulheres ao trabalho reprodutivo. Queremos políticas que enfrentem a pobreza de nós mulheres, favoreçam nossa autonomia econômica e redistribuam a riqueza que também produzimos.

Precisamos lutar por políticas redistributivas; pela taxação de grandes fortunas e garantia da ampliação e efetivação de nossos direitos e por uma outra orientação da política econômica, contra a política de superávit primário e contra as políticas que favorecem o capital financeiro; pela reforma tributária, elaborando propostas a partir da perspectiva das mulheres; fortalecer nossa luta por políticas sociais universais, como a política de previdência social para todas e que enfrentem a situação de desproteção social em que se encontram

principalmente as mulheres negras; por políticas que enfrentem a divisão sexual do trabalho, como as creches públicas, as lavanderias coletivas, os restaurantes comunitários; lutar por políticas de educação, qualificação e inserção no trabalho remunerado com salário digno, direitos e proteção social; lutar por reforma agrária, incluindo terra para mulheres camponesas, quilombolas e indígenas; e criticar e denunciar os programas de “capacitação” das mulheres para sua inserção no trabalho mais precário; apoiar a luta por direitos plenos das trabalhadoras domésticas; fazer o debate sobre valorização do salário mínimo e sua importância para a autonomia econômica das mulheres; lutar por políticas públicas integradas que enfrentem as desigualdades de gênero, classe e raça.

Para encaminhar essas lutas, além dos confrontos no plano local, precisamos intervir no PPA – Plano Plurianual e gerar mais e mais mobilizações; investir na formação sobre os temas da macroeconomia, política econômica e direitos; debater sobre que modelo de vida e economia. Nós queremos e propomos como alternativa construir argumentos no campo ético sobre que riqueza será permitida nesse país; fazer o confronto com o modelo desenvolvimentista do governo; atuar frente ao Estado nos espaços de participação e nas ruas.

A política desenvolvimentista que agrava a crise social e ambiental

O debate sobre esse eixo foi marcado por várias denúncias dos impactos, sobre nós mulheres, do modelo de desenvolvimento hegemônico e, principalmente, dos grandes projetos em várias partes do País, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Foram várias denúncias das mulheres em conflitos ambientais nas regiões de Belo Monte, Carajás, São Francisco, Espírito Santo e em várias áreas da Amazônia e em outras do Brasil. Todas as denúncias reforçam que esse modelo tem agravado a injustiça social e ambiental e a situação de exploração e opressão de nós mulheres.

O crescimento e desenvolvimento anunciados pelo atual governo servem para quem? Para as mulheres, o que tem ficado é a falência do emprego, a prostituição, a privatização da água, a exploração da natureza como mercadoria pelo capital. O recrudescimento da violência contra nós mulheres, como o tráfico de mulheres e meninas, e a violência sexual, é realidade em vários outros onde os grandes projetos se instalam. Na atual conjuntura, este modelo é reforçado por um pacto entre elites para legitimá-lo; o parlamento conservador e elitista; o poder judiciário tomado

pela burocracia e corporativismo; a orientação desenvolvimentista do poder executivo também submetido aos acordos internacionais.

As realidades locais refletem uma dimensão global do modelo de desenvolvimento do capitalismo no mundo, dos acordos firmados na OMC, G8, G20 e Mercosul com forte pressão dos interesses das transnacionais.

Na análise das militantes, há um consenso formado na sociedade e a burguesia capturou outras visões de desenvolvimento de organizações e movimentos para construir esse consenso. A criminalização das lutas sociais contra esse modelo é forte. Há um aumento dos conflitos ambientais em todas as partes do Brasil e esses núcleos de resistências são tratados como impedidores do desenvolvimento do país, o que nos coloca também um desafio no campo do confronto ideológico.

A implementação dos grandes projetos têm destruído a forma de viver das populações ribeirinhas e quilombolas. A proposta de reforma do Código Florestal amplia

as áreas de exploração. Também os assentamentos rurais ficam ameaçados. É parte também desse modelo a pressão dos empresários sobre o governo pela flexibilização de direitos e da legislação ambiental.

Precisamos, como movimento, seguir atuando na crítica a esse modelo desenvolvimentista, que recrudescer a exploração do capitalismo patriarcal, e racista sobre nós, mulheres, em diferentes contextos - ribeirinhas, quilombolas, assentadas, urbanas; reforçar alianças para enfrentar este modelo no governo Dilma.

Mas não podemos restringir nosso enfrentamento apenas frente ao governo, temos que confrontar as transnacionais que desenham este modelo para o mundo. O processo de formação entre nós quanto a essas questões tem que se ampliar.

Foram propostas ações de formação com base na nossa experiência, em várias partes do Brasil, de luta e resistência frente a esse modelo. E precisamos acalantar nossa rebeldia fortalecendo nossa ação na rua!

3. Lutas feministas antipatriarcais, antirracistas e anticapitalistas

Neste dia foi realizado um balanço do que tem sido a nossa luta no Brasil, a fim de resgatar o sentido geral de unidade das lutas feministas antirracistas, antipatriarcais e anticapitalistas, para avançar na formulação dos desafios para a AMB. O debate ocorreu em 12 grupos e posteriormente na plenária.

Para a AMB o racismo é o sistema de poder que cria, justifica e legitima a dominação e opressão das pessoas brancas sobre as negras e que, para se manter, renova-se continuamente, ordenando todas as dimensões da vida em sociedade e se expandindo por todo o corpo social – econômico, político, jurídico, cultural e religioso.

O patriarcalismo é o sistema de dominação dos homens sobre as mulheres em todos os âmbitos da vida, instituindo normas, valores e bases materiais da dominação e exploração das mulheres. A divisão sexual do trabalho, o uso da violência como instrumento de dominação, o controle do corpo e da sexualidade feminina, a heteronormatividade e os obstáculos à participação política das mulheres são alguns dos seus instrumentos.

O capitalismo é o sistema que se organiza através da exploração da força de trabalho e da apropriação, por uma minoria, das riquezas produzidas pelo trabalho

Foto: Gê



da maioria. Uma das principais características do capitalismo é seu caráter expansionista marcado pela apropriação privada dos bens naturais para exploração, geração de lucro, negação e dizimação das diversidades culturais. O Estado brasileiro é um espaço contraditório, mas tende a favorecer a acumulação e concentração de riquezas e apenas compensar os efeitos negativos que ela produz. Muitas políticas e projetos governamentais se voltam para isso, é o caso dos benefícios fiscais para empreendimentos empresariais; projetos de desenvolvimento que causam danos sociais e ambientais; e a arrecadação de impostos que favorece aos ricos.

Lutas antirracistas

O debate chamou a atenção para a importância de se divulgar a história do povo negro, porque muitas pessoas negras ainda não conseguem se ver como tal. As mulheres negras, por sua vez, são guardiãs de valores civilizatórios, embora ainda careçam do devido reconhecimento. Do nosso ponto de vista, a democracia só acontecerá se incluir na sua pauta a luta contra o racismo, compreendendo que as mulheres negras não são 'público para atividades', e sim sujeitos políticos, e precisam ser tratadas como iguais.

A luta contra o racismo é uma

pauta que vem ganhando força dentro da AMB, fruto de uma disposição política e da ação das mulheres negras no interior do movimento, sendo necessário enfrentá-lo na sua articulação com o capitalismo e com o patriarcalismo. Esse debate, necessariamente, passa pelas políticas públicas, por isso é importante incidir nos processos de PPA – Plano plurianual, pois a igualdade depende muito do investimento nas políticas públicas.

Além disso, foi discutida a necessidade de se realizar o debate sobre a história do feminismo, sem datá-lo a partir dos anos 70 (30 anos), pois isso ajuda a ver o feminismo só a partir das mulheres brancas de classe média. O feminismo na América Latina é de muito antes, e as lutas das mulheres negras é dos 500 anos do Brasil. Também foi ressaltada a importância desse debate para as mulheres indígenas.

As lutas a serem assumidas, são: a defesa da liberdade e do direito ao culto e da crença religiosa; garantia dos territórios quilombolas; cotas para a população negra; implementação da Lei 10.639/03; republicação da lei que criminaliza o racismo; luta contra o crack, que dizima os núcleos familiares das mulheres negras; por uma educação não sexista e antirracista; pela implementação das políticas públicas de saúde, com ênfase nas doenças que acometem a população negra; valorização do



Foto: Gê

trabalho doméstico; aprofundamento da luta pela reforma da Previdência; entre outras.

Para viabilizar essas lutas é preciso dar visibilidade às desvantagens que as mulheres negras sofrem (número de mulheres assassinadas; as que não têm acesso às políticas etc.); fortalecer as organizações de mulheres negras; realizar ações públicas, como por exemplo, ação de constrangimento nos shoppings ("dar vexame") para repudiar as violências sofridas pela população negra naqueles espaços; enfrentar o debate do racismo institucional e denunciá-lo, principalmente nas relações de trabalho no mercado privado.

Precisamos criar espaços, no âmbito da AMB, para que as militantes fortaleçam sua identidade racial, discutindo a experiência do racismo;

buscando formação para resistir ao racismo individualmente e para saber lidar coletivamente com esse problema; desenvolver estratégias pedagógicas sobre como abordar a questão da negritude na política de formação; discutir o poder no âmbito organizacional, para saber onde estão as mulheres negras e qual a estratégia de ampliação desse poder nas organizações e movimentos; aprofundar o diálogo com as organizações de mulheres negras; favorecer encontros entre mulheres indígenas e negras etc.

Muitos desafios foram apontados tendo como ponto de partida enxergar como o racismo gera desigualdade, injustiça e pobreza, e articular a batalha contra o racismo dentro das frentes de luta da AMB, para inserir a questão nas políticas públicas, com ênfase para o acompanhamento

da SEPIR. Para isso, devemos reconhecer a diversidade étnico-racial da AMB, apesar da dificuldade de muitas mulheres se identificarem como negras; a discriminação que ainda existe entre as mulheres e contra as religiões de matrizes africanas e a dificuldade de trazer as mulheres para a construção do movimento.

Lutas antipatriarcais

No diálogo entre as participantes foi reafirmado que a divisão sexual do trabalho, o uso da violência como instrumento de dominação, o controle do corpo e da sexualidade, os obstáculos à participação política das mulheres e a heteronormatividade, são ferramentas do patriarcado. Este, por sua vez, é um sistema de poder simbólico e material, onde o capitalismo se estrutura reestruturando-o. Nesse sentido, a maior conquista das mulheres é a organização do movimento feminista para confrontar o patriarcado. Lembrou-se, ainda, que para dentro do movimento somos diferentes e desiguais e, como estamos submetidas ao mesmo sistema, terminamos reproduzindo o machismo, razão pela qual a AMB precisa continuar investindo na formação de sua militância.

A AMB deve intensificar a luta contra a feminização da aids; pela implementação da Lei Maria

da Penha; pela saúde da mulher no campo; monitorar o orçamento público para as mulheres e garantir, na luta, dotações orçamentárias; reivindicar os dhescas para todas as mulheres, principalmente do meio popular, historicamente mais vulnerabilizadas pelas injustiças e desigualdades; reivindicar o cumprimento das cotas nos partidos e a destinação do percentual para formação das mulheres, a fim de acessarem as candidaturas.

Para fortalecer a luta antipatriarcal, temos que enfrentar o tensionamento das religiões sobre o Estado, a ideologia do amor romântico e a manutenção da família; fazer avançar o debate da heteronormatividade.

Nossa luta é também em função do acirramento da violência contra as mulheres (em especial o aumento dos estupros). Precisamos fazer o debate sobre as relações de gênero nas escolas, com ações voltadas para a educação de crianças e jovens sobre a história das mulheres, o movimento feminista; e enfrentar a criminalização da prostituição e as condições de vida das profissionais do sexo, debatendo o reconhecimento. Discutimos a ideia de fazer uma grande ação contra o patriarcalismo.

Para garantir essas lutas precisamos aprofundar nossa formação para ampliar a compreensão política sobre a sociedade e, assim, repensá-las, focando-as apenas em 'temáticas'. Precisamos

manter permanentemente nossas mobilizações e viabilizar nossas lutas, fugindo da padronização estética e construindo nossa forma de nos comunicar com o mundo; estabelecer relações entre nossa agenda feminista e a agenda de outros movimentos sociais; intensificar o diálogo entre nós, já que nem todas as mulheres compreendem, por exemplo, a luta pela não criminalização das mulheres e pela legalização do aborto ou a discussão sobre mulheres lésbicas e suas diversas expressões de lesbianidades. Queremos aprofundar a articulação entre o feminismo e a vida das mulheres trabalhadoras do campo e da cidade e estreitar relações com os diversos feminismos da América Latina.

Lutas anticapitalistas

O capitalismo é um sistema baseado na exploração. Ele se realiza de forma imbricada com o patriarcalismo e o racismo. Enquanto perdurar a contradição capital/trabalho, não há como haver liberdade e autonomia para as mulheres. Mas a superação dessa contradição não nos dá nenhuma garantia de superação da opressão das mulheres. Por isso, articular o feminismo com a discussão de classe é condição imprescindível para impulsionar as lutas feministas de enfrentamento ao capitalismo e

formular, a partir do feminismo, qual a sociedade que a gente quer.

Temos defendido, para além dos limites do capitalismo, um socialismo com democracia que ainda está por ser construído, mas que, concretamente, nos identifica como anticapitalistas. Nossa ética anticapitalista caminha no sentido de que queremos ser o que queremos ver na sociedade, daí a proposição de sintetizarmos as lutas anticapitalistas num projeto popular feminista para a defesa da vida das mulheres. Isso inclui o debate sobre o consumismo, a produção da pobreza, e a exploração existente também entre mulheres.

Os indicativos de luta para AMB podem ser organizados a partir de eixos:

Lutas frente ao capital: Campanha de boicote à Natura, denunciando a exploração das mulheres, da natureza, e o reforço a um modelo de beleza (ideia de lema: "Quem protege a Amazônia somos nós mulheres"). Enfrentamento nos territórios de implantação dos grandes projetos, inclusive os do PAC, dando um caráter nacional a essas lutas.

Lutas frente ao Estado: Lutar contra o modelo de desenvolvimento hegemônico, os grandes projetos, a taxação das grandes fortunas e políticas públicas de redistribuição de riquezas; críticas e pressão sobre a ação do Estado que favorece o



Foto: Gê

capital, mas apoiar quando agir para reverter e coibir a privatização; propor políticas que enfrentem a divisão sexual do trabalho (creches, escolas em tempo integral, restaurantes, lavanderias coletivas etc.); lutas pela redução da jornada de trabalho.

Luta frente à sociedade e junto com movimentos: mobilização contra a cultura consumista, mercantilista, individualista e privatista; buscar articulação com outros movimentos sociais cujas bandeiras de luta anticapitalistas são comuns; discutir o poder popular; somar-se à luta pela reforma urbana e os direitos das mulheres à cidade, pelo controle social do orçamento, do executivo e do legislativo; fortalecer a luta pela previdência universal; as lutas pelo acesso à água e contra as barragens; e pela valorização do trabalho doméstico.

Para levar essas lutas adiante, precisamos aprofundar a formação política sobre o capitalismo e nossa perspectiva anticapitalista, discutindo a economia solidária como modelo alternativo. Permanece o desafio de comunicar à sociedade que somos

contra os grandes projetos sem sermos contra a geração de emprego; refletir sobre o consumo; enfrentar o debate sobre as lutas necessárias frente à Copa do Mundo e a empresas como Natura e Avon. A tudo isso se soma a questão da sustentabilidade de nosso movimento.

O debate sobre as lutas feministas, considerando os avanços, as derrotas e os desafios, demonstrou a necessidade de estabelecermos prioridades para a AMB. Precisamos articular processos nacionais de luta, permanentes e sistemáticos, que gerem forte adesão entre os agrupamentos estaduais, nos permitam gerar mobilizações e fomentar alianças com outros movimentos sociais até o ponto de termos algumas conquistas que, realmente, cheguem à vida de cada uma de nós mulheres. Precisamos construir o caráter antipatriarcal, antirracista e anticapitalista em cada uma de nossas lutas, de forma articulada, do plano local até internacional. Nesse processo, fortaleceremos as frentes de luta da AMB.

4. A experiência de mobilização de recursos para o Enamb 2011

Para a AMB, é sempre um enorme desafio financiar seus encontros nacionais. Em anos passados, cada participante buscava solucionar individualmente essa questão. Assim, foram realizadas várias reuniões do Comitê Político Nacional e o Encontro Nacional de 1994, preparatório a Beijing. A hospedagem era na casa de companheiras do movimento e a passagem paga por cada militante.

Em outras ocasiões, a AMB realizou as reuniões do comitê político aproveitando passagens financiadas para algum seminário do movimento. As hospedagens eram em casas de companheiras e as passagens custeadas pela organização feminista, parceira ou integrante da AMB, que estivesse promovendo e financiando o seminário. Em geral, eram seminários cujos temas mantinham estreita relação com causas pelas quais lutamos. Essa estratégia exigia realizar duas atividades subsequentes, o seminário e, depois ou antes, a reunião do comitê político. Dessa experiência emergiu a máxima de que “na AMB quando não temos dinheiro para fazer uma atividade, fazemos duas”.

Sempre que a AMB tinha condição de financiar seminários e reuniões do Comitê, com recursos obtidos

através de algum financiamento, a AMB custeava a viagem e estada de uma integrante do comitê político de cada estado, bancava a participação de uma segunda integrante e os estados bancavam integralmente a sua terceira representante no Comitê.

Para o ENAMB de 2006, em Goiânia, instalamos uma nova política de financiamento: a criação de um fundo solidário combinada com a mobilização descentralizada nos estados. Para o ENAMB 2011, a experiência foi repetida e aprimorada.

O Fundo Solidário destina-se a cobrir exclusivamente alojamento coletivo com café da manhã e as viagens das caravanas. O Fundo recebe doações de ONGs feministas, agências de cooperação, doações individuais de pessoas, os recursos da taxa de inscrição no encontro e mais o dinheiro que os estados tenham levantado com venda de produtos relativos ao encontro.

Para o ENAMB 2011, vendemos blusas e bolsas produzidas pelas companheiras do Fórum Cearense de Mulheres, e vendemos cartões postais e fotos do encontro, produzidos pelo Coletivo de Comunicação da AMB. Recebemos doações da Oxfam GB e Unifem, e ainda do Cfêmea, SOS Corpo,

Cunhã Coletivo Feminista, Coletivo Leila Diniz e Instituto Patrícia Galvão. Assim ficou garantido o recurso para as passagens e estada em Brasília, de todas que precisaram chegar antes para preparar o encontro, de toda a coordenação, das pessoas que não podiam viajar de ônibus, do alojamento para 600 participantes com café da manhã e o complemento do pagamento de alguns ônibus, de algum agrupamento estadual que estivesse mobilizado, mas sem condição de arrecadar a totalidade do dinheiro necessário à viagem de sua caravana.

Para as viagens das caravanas muitas atividades foram realizadas nos estados. Houve quem criasse uma espécie de consórcio, com a compra de um pacote de bilhetes aéreos para toda a delegação, levantando fundos mensalmente para pagar as 12 prestações do pacote. Em outros estados foi feita campanha de doação de milhas e bilhetes avulsos, formando assim um volume de bilhetes que bancou parcial ou totalmente a ida e volta de muitas participantes. As caravanas que viajaram de ônibus obtiveram apoio na Assembleia Legislativa de seu estado ou contaram com doações de aliados(as) no legislativo e nos governos.

Em toda parte, foi preciso fazer muitas atividades para levantar recursos, tanto para complemento de passagens, como para garantir

as despesas de viagem, as taxas de inscrição e, sempre que possível, contribuir com o pagamento do alojamento (via doações ao Fundo Solidário ou pagamento direto).

Bazar de produtos usados, em geral, vestuário, foi a atividade que mais rendeu dinheiro, exigindo pouco investimento. Além do bazar, houve também o bom e velho “Livro de Ouro”. Mas também teve muita festa feminista, feijoada feminista, chá feminista etc. sendo que algumas festas resultaram em muito prazer mas nenhum dinheiro, tendo quem ficou com dívida para pagar após o encontro.

A realização dessas atividades mobilizou de forma permanente um número significativo de militantes em 19 estados, onde constituíram comissões de finanças que, em sua maioria, traçaram um plano para mobilizar apoios. Entre cinco e até 30 companheiras estavam na comissão de finanças, além da coordenação local do agrupamento.

Além do dinheiro, a mobilização de recursos um estímulo importante para as caravanas estaduais, muita visibilidade para a luta feminista da AMB, entre redes e movimentos sociais no âmbito estadual, promoveu o engajamento de mais mulheres na AMB e carregou o apoio financeiro de outras pessoas à AMB, em especial integrantes do movimento sindical, organizações não governamentais e parlamentares aliados(as).

5. Comunicação no ENAMB 2011

A constituição do coletivo de comunicação da Articulação de Mulheres Brasileiras nasceu da ideia de agregarmos saberes e acúmulos nas questões relacionadas à comunicação, considerando a necessidade de fortalecermos uma atuação de militância feminista nos processos de comunicação, a partir da referência político-pedagógica da AMB.

O coletivo foi formado em junho de 2010, como parte do processo de transição da Secretaria Executiva. Uma das suas principais tarefas foi a comunicação do ENAMB 2011.

Entre as ações de comunicação preparatórias ao ENAMB destacamos a construção do novo site da AMB, que era apontado como central no processo de mobilização da militância para o encontro nacional.

Construído a partir de um recurso financeiro da Cunhã, voltado para a criação do sítio institucional, a criação da página da AMB foi finalizada em fevereiro de 2011. Entretanto, colaborou tanto para a divulgação de informações sobre o encontro, incluindo os processos preparatórios nos agrupamentos estaduais, como para a realização das inscrições online, com pagamento via cartão de crédito e/ou boleto bancário.

Além do site, foram elaborados

quatro boletins preparatórios para o ENAMB 2011, e artes finais de dois postais com finalidade de mobilização de recursos para a AMB durante esse processo. A lista Articulando Entre Nós também teve um papel central no processo de disponibilização de informações sobre o encontro, e mobilização da militância.

Em março, durante a reunião entre a comissão de metodologia do ENAMB e o coletivo de comunicação de preparação para o encontro nacional, em João Pessoa, elaboramos alguns princípios de atuação do Coletivo conforme abaixo:

“O Coletivo de Comunicação da AMB, formado por ativistas feministas, tem atuado no sentido de desenvolver processos de comunicação que reflitam a nossa forma de organização e de confrontação das estruturas de dominação, que são o capitalismo, o patriarcado e o racismo.

Realizamos uma comunicação na perspectiva de expressar o sentido da nossa luta, quem somos e o que queremos transformar no mundo; confrontar a ordem estabelecida; ser um instrumento de expressão da liberdade e autonomia das mulheres; incluir todas as formas de expressão (teatro, música, imagem, expressão corporal etc.) que transformam,

provoquem reflexão e rompam com a ordem estabelecida; incluir todas as mulheres e que as reconheçam como sujeitos políticos; considerar a diversidade das mulheres que compõem a AMB; utilizar todos os meios de comunicação e usufruir das novas tecnologias de difusão da informação; ser um instrumento da participação política das mulheres.

Na reunião de João Pessoa, tiramos ainda como um dos encaminhamentos articular outras militantes da AMB para um plano de comunicação específico para o ENAMB 2011. Entre os dias 29 de março e 30 de abril, o coletivo de comunicação contou com um grupo de 11 militantes para atuação em Brasília. A primeira ação foi a articulação da mídia local e nacional para o ato político que marcou o início do Encontro Nacional da Articulação de Mulheres Brasileiras.

As comunicadoras feministas tiveram uma boa interação, desempenhando diferentes ações de comunicação: entrevistas, registros fotográficos e em vídeo, produção de notícias para enviarmos para portais, listas de discussão e redes sociais (Facebook e Twitter), alimentação do site da AMB, de portais de imagens como o flickr, produção de vídeo, contato com a imprensa.

Além de alimentar a mídia com informações sobre o ENAMB 2011 diariamente, o coletivo de comunicação cumpriu um papel de

manter informadas as pessoas que não estavam presentes participando do encontro.

Consideramos um avanço a AMB ter tido a preocupação de montar uma equipe grande de comunicação para o encontro, e essa iniciativa produziu um diferencial em relação ao encontro anterior. Porém, enfrentamos problemas que poderão servir de aprendizado para outros momentos.

Outra ideia que foi discutida na equipe de comunicação, ainda durante o encontro, foi a de valorizar a iniciativa das participantes de fazerem seus próprios registros (inicialmente pensamos no registro fotográfico). O intuito era baixar nos computadores da comunicação esses registros, para serem divulgados também. Foi possível acolher algumas fotos, mas por falta de equipamentos e de mais pessoas para contribuir nessa ação, não conseguimos fazer com todas as pessoas que nos procuraram, tampouco incentivar essa iniciativa.

Ao final do encontro, fizemos uma breve reunião de avaliação, onde a equipe dialogou sobre dificuldades e pontos positivos do processo. Entre as dificuldades, destacamos problemas na infraestrutura em função de compartilhamos a sala com a secretaria, o que tornou difícil o trabalho em vários momentos. O número insuficiente de pessoas na secretaria e logística dificultou

também o trabalho. Tínhamos muitas tarefas para dar conta, e era constante a presença de pessoas na sala pedindo informações, querendo imprimir relatórios dos grupos, enfim, com demandas que não eram da comunicação, mas que acabavam nos fazendo parar o que estávamos fazendo para dar algum retorno ou tentar resolver o problema.

Outro problema foi a pouca disponibilidade de equipamentos para a comunicação (atuamos com os equipamentos das militantes, como câmeras de vídeo e fotográficas, laptops, havendo apenas dois computadores de baixa velocidade para trabalhar), pouco diálogo com os demais grupos envolvidos na organização e realização do encontro (metodologia, infra, secretaria), o que nos impossibilitou de colaborar de forma mais ampla para a realização do ENAMB 2011.

Apesar das dificuldades, avaliamos coletivamente que a experiência durante o encontro foi bastante positiva, e todas as presentes se colocaram para continuar a participar do coletivo de comunicação, com a inclusão imediata na lista do coletivo, o que aconteceu antes do final do encontro.

Passado o ENAMB, o coletivo

precisa debater questões como nova pactuação sobre papéis e responsabilidades no coletivo, a partir do que a AMB tem demandado das comunicadoras. Um desafio é manter a adesão das novas companheiras que podem se comprometer com os processos de comunicação na AMB. Para isso, está posto o desafio de mantermos um diálogo permanente com a Secretaria Executiva, a Coordenação e o Comitê Político, considerando que as participantes do coletivo não mais estão ligadas diretamente à Secretaria Executiva, precisamos construir novos canais e formas de diálogo permanente.

Um encaminhamento da reunião realizada durante o ENAMB 2011 foi a realização de um encontro de comunicadoras feministas, com suporte das demais instâncias da AMB, para pensar nossa política de comunicação, onde poderemos aprofundar questões sobre o lugar da comunicação na articulação na AMB, o papel do coletivo, a comunicação interna da articulação, plano estratégico de comunicação e metodologias de construção da memória do nosso movimento. Outra questão levantada no coletivo de comunicação é a necessidade da AMB incidir sobre as políticas públicas de comunicação.



Foto: Priscilla Caroline Brito

À Universidade de Brasília que gentilmente cedeu suas instalações para os trabalhos do ENAMB, através do reitor José Geraldo de Sousa Jr. Em especial, agradecemos à colaboração do Chefe de Gabinete, Wellington Almeida, e da Secretária Administrativa, Adriana Lima, e agradecemos às professoras e professores das áreas de Ciências Humanas, Comunicação e Direito dessa instituição de ensino, que contribuíram para tornar realidade este encontro.

A todo o pessoal do DCE/UnB, em especial a Priscilla Caroline Brito, pelo apoio e parceria durante o encontro.

Às muitas companheiras feministas do DF, em especial, a Leila Regina Lopes Rebouças, nosso obrigado pelo smeses de dedicada preparação e pela acolhida:

· À Ana Liesi Thurler e às companheiras do Fórum de Mulheres do Distrito Federal.

· À Associação Lésbica Feminista de Brasília – Coturno de Vênus, com especial carinho a Karen Lúcia e Lan Matos.

· Às integrantes do Fórum de Mulheres Negras do Distrito Federal.

· Às companheiras do Fórum de Promotoras Legais Populares do Distrito Federal.

· A Setorial de Mulheres do PT/DF.

· A Gráfica Athalaia de Brasília, que apoiou com cartazes para o ENAMB.

· A toda equipe do CFEMEA, pela empreitada de contribuir na organização e realização do ENAMB 2011, a Gilda Cabral e também ao companheiro Ivonio Barros, da Universidade Livre Feminista.

Fundamentais foram também as mulheres feministas da equipe da Cunhã - Coletivo Feminista, do Coletivo Leila Diniz e do SOS CORPO. A todas, muito obrigada.

Ficamos felizes e orgulhosas por contar com tantas feministas que se

dispuseram a apoiar a dinâmica do encontro construindo a metodologia, facilitando, registrando e divulgando as atividades. Agradecemos por isto.

A Lilian Celberti, da Articulação Feminista Marcosul, que contribuiu com sua experiência e reflexão política nos debates e trabalhos de grupo.

Às companheiras de outras articulações e redes nacionais de mulheres que se fizeram presentes em nosso encontro.

A todas da comissão de metodologia, às companheiras Rivane Arantes e Verônica Ferreira, que se somaram à mesma, e às que contribuíram no registro e produção da memória do encontro: Sílvia Dantas, Edna Calabrez, Sula Valongueiro e Lidia Costa.

A todas as coordenadoras e relatoras dos grupos de trabalho e debatedoras das plenárias.

Ao coletivo de comunicação da AMB e às que se somaram a ele no ENAMB: Angélica Mendes, Priscilla Caroline de

Sousa Brito, Eunice Borges, Camila Galdino, Maria Angélica Lemos, Paula Andrade e Gê.

Também é motivo de alegrias sem fim termos conosco tantas artistas, cantantes e cantoras, batuqueiras, repentistas e poetas, que encantaram e alegraram nosso ENAMB.

E, por fim, agradecemos a cada uma das muitas que contribuíram de diferentes formas no credenciamento, na distribuição dos lanches, varrendo o salão de manhã, preparando as salas das oficinas, fazendo a festa, carregando cadeiras de um lado a outro, limpando o lixo, fazendo música, cantando, recitando e cuidando de nossa saúde corporal.

Agradecemos também a quem contribuiu na sistematização da memória deste encontro, resultando nesta publicação.

Esperamos que nos encontremos sempre por aí e por aqui, nas lutas e conquistas e nos espaços da AMB!

*Comitê Político Nacional
da Articulação de Mulheres Brasileiras*

ANEXO

Relação de Oficinas/Responsáveis do dia 31 de Março de 2011 – Noite

Conversando com Gilda Cabral sobre orçamento	Gilda Cabral/DF
O encontro da AMB no olhar das mulheres de bairro	Aline/PE
Reunião sobre a frente de luta contra a lesbofobia	Alessandra e Luana/CE
Reunião com mulheres negras	Vera Baroni/PE
Discutindo Economia Solidária	Dina Lopes/BA
Conversando sobre mulher e poder	Mary Ferreira - MA
Reunião das Promotoras Legais Populares	Olga/DF
Massoterapia	Fátima Castro
Corpos saudáveis, vaginas felizes	Marta Geane/PA
Auto cuidado, massagens e relaxamento	Luíza Hubert/BA
Falando de aids e preconceitos	Rosária/BA
Mulher – corpos livres	Civone Medeiros/RN
Percussão	Flavia/CE



Foto: Gê



Foto: Cláudia Gazola

ARTICULAÇÃO
DE MULHERES BRASILEIRAS

www.articulacaodemulheres.org.br

